

Arte e mitos: a busca de estruturas

Renata Rossi

Buscar na música a relação com os mitos. Na pintura, suas representações. E na linguagem, repetições e elementos comuns e equivalentes. É por aí que passeia a relação – bastante forte – de Claude Lévi-Strauss com a arte. O antropólogo e etnólogo desenvolveu grande parte de seu trabalho no encontro com a riqueza proporcionada pela arte. “Depois dos mitos, a arte é outra grande preocupação de Lévi-Strauss e está presente em quase tudo que escreveu. Em *Tristes trópicos*, por exemplo, ele faz não apenas um registro das viagens dele, mas fala da questão estética também. Ele faz arte no que escreve, e escreve primorosamente”, avalia Sylvia Caiuby Novaes, do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP) e coordenadora do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia.

“Para ele, a arte talvez seja uma das formas de produção de significados mais interessantes, pois é nela e por meio dela que, nas diversas culturas, é possível analisar sistemas simbólicos visuais, sonoros e da linguagem que expressam exclusivas formas de pensar”, explica Dorothea Passetti, professora de antropologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) e autora do livro *Lévi-Strauss, antropologia e arte* (Educ/Edusp). “Apropriando-se de flutuações e imprecisões nos sistemas simbólicos, a arte pode criar novas combinações e descobrir inusitadas relações formais, atingindo conteúdos inimagináveis. É uma das manifestações do pensamento em estado selvagem”, completa.

Lévi-Strauss percebe na arte um tesouro que revela estruturas, ao mesmo tempo em que as condensa ou sintetiza. É nessa percepção que entra um dos principais pontos de seu pensamento: o estruturalismo, nascido do contato com experiências diversas, como a linguística do russo Roman Jakobson, criador da teoria das funções da linguagem, a etnologia norte-americana e a convivência com os mais importantes artistas em Nova York durante a Segunda Guerra Mundial.

Para Passetti, os artistas podem ter sido os maiores responsáveis por esse pensamento de Lévi-Strauss. Destacando-se o pintor dadaísta Max Ernst e o poeta e teórico surrealista André Breton. “Essa mistura de influências o levou a dar mais atenção ao inconsciente. A linguística também busca estruturas inconscientes, um dos pontos principais da produção surreal. Além disso, a exploração dadaísta do acaso, da minúcia, das inter-relações de elementos possibilitou-lhe, como atento observador, dirigir a atenção à forma das relações: contrastes, oposições, correlações que compõem uma estrutura”, avalia a antropóloga da PUC-SP.

Desse modo, ao incorporar mecanismos da arte surrealista e dadaísta, como a colagem, e amalgamá-los com as influências que recebeu na infância e na adolescência, Lévi-Strauss passou a ser conhecido como o descobridor de estruturas (leia mais no artigo de Passetti "[Colagem: arte e antropologia](#)"). Segundo Acílio da Silva Estanqueiro Rocha, no artigo "[Arte e estruturalismo](#)", publicado na *Revista Portuguesa de Filosofia*, estas são possibilidades de pensar que a arte procede a partir de um conjunto e vai até sua descoberta. O mito parte de uma estrutura a partir da qual empreende a construção de um conjunto. Desse modo, a arte se insere a meio caminho entre o conhecimento científico e o pensamento mítico. Por outro lado, o pensamento mítico operaria com signos, ou seja, unidades constitutivas cujas combinações possíveis são limitadas.

Olhar, escutar, ler



Figura 01: Guercino, Pastores da Arcádia (*Et in Arcadia ego*), atualmente na Galleria Nazionale d'Arte Antica em Roma e Figura 02: Poussin, *Et in Arcadia ego*.

Em *Olhar, escutar, ler* Lévi-Strauss dedica-se a analisar obras de grandes mestres do século XVIII, como, por exemplo: o francês Nicolas Poussin (1594-1665) e o italiano Giovanni Francesco Guercino (1591-1666), ambos pintores expoentes do período barroco; Diderot (1713-1784), editor da *Encyclopédie*; e o compositor e teórico Rameau (1683-1764). Busca explicitar como funcionavam as obras e os artistas e explicar os modos como despertavam certos tipos de emoção no contato com as obras. Em [entrevista](#) à *Folha de S. Paulo* Lévi-Strauss fala de como, diante das telas de Poussin, “temos a impressão de estarmos na frente de um pequeno teatro”, impressão que se deve às escolhas do artista por criar um quadro composto.

Lévi-Strauss analisa a arte, os mitos e os sistemas de parentesco sob a mesma perspectiva teórica: a busca de estrutura recorrente; de modelos de transformação; de elementos equivalentes; possibilidades de substituições paradigmáticas; e pares de oposição. Aspectos que ele identifica em diversas obras a que se dirige, explicita a antropóloga Sylvia Caiuby Novaes, em [artigo](#) publicado na *Revista Brasileira de Ciências Sociais*.

“Nas artes, assim como nos mitos, o espírito parece poder abandonar-se livremente à sua espontaneidade criadora. Por isto mesmo o mito é, para Lévi-Strauss, porta de acesso privilegiada às leis de funcionamento do inconsciente, sem nenhum tipo de constrangimento: nem mesmo a realidade exterior. Por isto, também, é possível passar da análise de um mito dos índios Bororo, do Cerrado mato-grossense, a um mito dos índios da Colúmbia Britânica, ou da Nova Guiné”, analisa Caiuby Novaes. Para Lévi-Strauss, trata-se de descobrir as estruturas mais profundas e comuns existentes tanto nas pinturas, composições musicais, como nos mitos. Uma busca incessante por aquilo que caracterizaria os humanos, como humanos, numa não oposição entre natureza e cultura.

Música e mito

“A música não tem palavras. Entre as notas, que poderíamos chamar de sonemas, e a frase, não há nada. A música exclui o dicionário”, diz Lévi-Strauss em *Olhar, escutar, ler*: “Para ele, na música não há algo parecido com o que seria a palavra no universo da língua falada e escrita”, afirma Rafael José de Menezes Bastos, antropólogo, músico do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e coordenador do Núcleo de Estudos Arte, Cultura e Sociedade na América Latina e Caribe. Antes, ele veria na música uma manifestação do espírito humano. “É um pensamento muito elegante, pois traça um paralelo entre a música ocidental clássica e o mito ameríndio. Ele consegue fazer uma ponte entre Mozart e um contador de mitos na selva. É uma questão inconsciente. Esses dois tipos de linguagem têm alguma semelhança, mas não dialogam, não se conhecem ou se reconhecem”, explica Bastos.

Tanto o mito quanto a música ocidental teriam em comum a capacidade de transcender a oposição entre o sensível e o inteligível e a qualidade de trabalhar com a verticalidade e a horizontalidade. Uma partitura, por exemplo, pressupõe leitura vertical, que seria simultânea para todos os instrumentos. Entretanto, é possível ouvir só a flauta, o que torna a leitura horizontal. “Lévi-Strauss diz que, na realidade, os compositores

ocidentais são mitógrafos, embora isso seja inconsciente”, ressalta o antropólogo da UFSC.

Já Acílio Rocha diz que não existe um paralelismo entre música e mito, pois a música é capaz de se libertar totalmente da linguagem: os sons propriamente musicais não seriam os utilizados pela língua, enquanto o sentido mítico exigiria sempre a mediação de uma língua particular para se expressar. Enquanto as estruturas linguísticas estão duplamente encarnadas no som e no sentido (por oposição com as estruturas puramente formais das matemáticas, libertas simultaneamente do som e do sentido), as estruturas musicais diriam respeito ao som menos o sentido e as estruturas míticas ao sentido menos o som, de modo que mito e música oferecem de algum modo as imagens devolvidas uma da outra.